



(Registrado no D. N. I.)



Orgão oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"
Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo



REDATORES

Enéas Brasileiro

Fusco.

Maurício Grimberg.

Renato Santos Abreu

Diretor:

ALVARO E. DE ALMEIDA MAGALHÃES

Secretário:

WILLIAM CALLIA

ANO XVIII



SÃO PAULO — MARÇO DE 1951



N. 60

LUIZ V. DÉCOURT

Na história da Faculdade de Medicina, talvez nunca um interesse tão grande tenha sido despertado nos estudantes, como o que se percebeu nos dois últimos concursos para as cadeiras de Clínica Médica.

Ao lado da preocupação cada vez maior revelada pelos alunos pelos problemas de ensino médico, estava o justo interesse pelo nome daqueles que pretendiam às cátedras. Dentre os concorrentes, todos gratos aos estudantes, destacou-se o jovem professor Luiz V. Décourt.

Ao lado da formação científica excepcional do novel catedrático, de sua proverbial capacidade didática, fato sempre levado em consideração, nos concursos, justifica essa nossa admiração a amizade sincera que ele nos dedica. Em todas as ocasiões encontramos no prof. Décourt um interessado em nossos problemas, um interessado no nosso aprendizado, sem nos facilitando a pesquisa, sempre nos orientando com satisfação nos caminhos nunca fáceis da Medicina.

Tem sido realmente o prof. Décourt uma ponte sólida no estabelecimento real de um contato mais ítimo entre o professor e o aluno, condição sem a qual não é possível a existência do chamado espírito universitário.

A Atividade de Luiz V. Décourt começou como secretário do Departamento Científico do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz". Sua orientação científica nasceu sob a influência de Barbosa Correia, Rubião Meira, Lemos Torres, Jairo Ramose e Otávio de Carvalho.

Ocupou nove cargos universitários e oito em sociedades médicas. Tomou parte em vários congressos científicos, sendo que no México, em 1946, foi o representante oficial da Universidade de São Paulo.

Colaborou em cursos oficiais e oficializados da Escola Paulista de Medicina, Faculdade de Medicina, e Escola de Enfermagem.

Tem sido um dos esteios dos cursos promovidos pelo Departamento Científico do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", onde cinquenta e oito aulas foram proferidas. É autor de trinta e seis trabalhos científicos e catorze conferências. Sesenta e um documentos foram apresentados no memorial enviado à Faculdade de Medicina na ocasião do Concurso para provimento da 14.ª cadeira.

Com tal folha de serviços prestados à Medicina brasileira e aos estudantes paulistas, fez-se, o prof. Décourt, credor da admiração que todo meio médico e universitário lhe dedica.

Ao «O Bisturi» cabe apenas, em nome da Diretoria do C. A. O. C. e dos alunos da Faculdade de Medicina, enviar ao novel catedrático os sentimentos de reconhecimento, de admiração e os votos de felicidades a quem tanto tem feito pela classe médico-estudantina.

Formação intelectual e Científica do Prof. Luiz V. Décourt

Nasceu a 7 de dezembro de 1911, na cidade de Campinas, neste Estado, sendo filho legítimo de Paulo Luiz Décourt e de D. Alzira Venere Décourt.

Após os estudos primários feitos em escola particular, freqüente, em 1923, o Ginásio Diocesano «Santa Maria», em sua cidade natal, onde segue o curso «Preliminar» correspondente ao preparatório para o curso secundário.

Neste colégio obtém, então, prêmio atribuído ao melhor aluno do ano.

A) Curso secundário — Em início de 1924, matricula-se no Ginásio do Estado, de Campinas, após prova de seleção na qual consegue a segunda nota.

Nesse estabelecimento, faz todos os seus estudos secundários entre 1924 e 1929. Embora diversas disciplinas fossem de

aprendizado facultativo, segue o curso completo, obtendo, pois, o diploma de bacharel em ciências e letras.

Na mesma ocasião, recebe o prêmio «Culto à Ciência», destinado pela Prefeitura Municipal ao aluno que obtivesse as melhores médias em todo o curso, assim como a lãurea «Cesário Mota», destinada ao estudante que mais se distinguisse na cadeira de História do Brasil.

B) Curso superior — Tendo terminado os estudos secundários em fins de 1929, presta exame vestibular na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo no início de 1930, sendo aprovado com nota 7,33. Nesta, completa todo o curso superior, colocando grau em 7 de dezembro de 1935.

Tendo se dedicado, desde os bancos aca-



dêmicos, particularmente ao estudo da Clínica Médica, é aprovado com distinção nessa disciplina, nas três cadeiras do curso (9,12 no quarto ano, 10 no quinto e 9,7 no sexto).

Ainda na Faculdade, ocupa o cargo de Secretário do Departamento Científico do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» e de Redator da Revista de Medicina.

C) Formações e orientação médicas — Em fins de 1932, ao terminar o terceiro ano do curso, passa a trabalhar na Enfermaria da 3.ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina (Serviço do Prof. Rubião Meira), no grupo do Prof. José Barbosa Correia. Nesse serviço clínico, então instalado na «Segunda Medicina de Homens» da Santa Casa de Misericórdia, desenvolve intenso aprendizado médico, exercitando-se principalmente no conhecimento da propedêutica. Aí vai galgando, pouco a pouco, os diferentes postos, desde estudante auxiliar, até chefe de grupo, assistente voluntário, assistente efetivo e docente-livre da cadeira. Toda a sua orientação médica, portanto, se processou no ambiente da 3.ª Cadeira de Clínica Médica, sob a orientação direta de José Barbosa Correia e também debaixo da influência de Rubião Meira, Lemos Tórres e Jairo Ramos.

D) Atividade de posterior — Já no fim do sexto ano do curso médico, como estudante interno da enfermaria citada, dá cursos particulares de propedêutica aos alunos mais atrasados.

Em 1936, é convidado pelo Prof. Barbosa Correia para tomar parte nas atividades da cadeira de Cardiologia da Escola Paulista de Medicina. Dadas as dificuldades iniciais, entretanto, esta não chega a ter existência efetiva, mantendo apenas um ambulatório, no qual o autor colabora com assiduidade.

Em 1937, é convidado pelo Prof. Otá-

vio de Carvalho para o cargo de segundo assistente da 1.ª Cadeira de Clínica Médica (5.º ano) da Escola Paulista de Medicina. Nesta permanece durante três anos, de 1937 a 1939, tomando parte ativa no ensino teórico e prático da cadeira, assim como administrando vários cursos livres aos alunos. Durante o mesmo período, contribui diretamente para o funcionamento do ambulatório da clínica.

No início de 1940, após submeter-se a concurso, recebe o título de Docente-Livre de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e cola grau de Doutor em Medicina. Volta, então, à enfermaria da 3.ª Cadeira de Clínica Médica (Serviço do Prof. Rubião Meira), que não mais abandonará. Assim, em 1941, toma parte no curso prático da cadeira, como chefe de grupo e assistente voluntário.

Em junho de 1943 é nomeado 3.º assistente efetivo passando, então, a colaborar ativamente no curso teórico e prático, administrado aos alunos do sexto ano.

Com a transferência de enfermaria para o Hospital das Clínicas, em 1944, não continua no mesmo cargo, com as mesmas atribuições, como presta o seu concurso no Serviço do Pronto Socorro

dêsse nosocômio, por meio de plantões que se prolongam até o início de 1947.

No segundo semestre de 1944, é convidado para o cargo de Professor de Clínica Médica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, posto onde se mantém até hoje.

No ano seguinte, colabora ativamente na organização do Serviço de Electrocardiografia do Hospital das Clínicas, ligado à Cadeira de Física Biológica e Aplicada (Prof. Rafael de Barros), do qual se torna o consultor científico.

Em 1946, com o falecimento do Prof. Rubião Meira e a transferência de cadeiras solicitada pelo Prof. Almeida Prado, passa a colaborar, com o mesmo título de assistente efetivo, no ensino da 13.ª Cadeira — Clínica Médica (Propedêutica, Laboratório Clínico e Patologia Médica), então sob a direção do Dr. Otávio Augusto Rodovalho. Desta forma, contribui diretamente para o curso de semiologia administrado aos alunos do 4.º ano médico.

Finalmente, com a distribuição do ensino da propedêutica por dois anos (terceiro e quarto anos), passa a reger o curso ministrado no primeiro semestre aos alunos do terceiro ano, nos períodos de 1948 e 1949.

Na sessão de posse do Prof. Luiz V. Décourt, o acadêmico Vicente Amato Neto, representando os alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo, proferiu as seguintes palavras

Exmo. Snr. Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Exmo. Snrs. Professores Snrs. Sras. presentes. Meus colegas.

Exmo. Snr. Prof. Luiz Décourt.

A esta solenidade não poderia faltar a manifestação dos alunos de nossa Escola. E deve ela expressar regosio com que esses alunos vêm assumir direção de uma das cadeiras de Clínica Médica, a figura simpática e benquista do Prof. Luiz Décourt. Regosio sim, pois estão convictos uma vez que baseados nas provas de saber e de bondade que o passado já proporcionou, de que poderão contar, daqui para diante com o auxílio, com a competência, de uma mentalidade moça que, por certo, enriquecerá tarefa que lhe dá respeito com alta dose de dedicação, labor e completo despreendimento dos instintos egoísticos. Regosio porque têm certeza de que, obedientemente, terão no Prof. Luiz Décourt um mestre ao qual poderão manifestar livremente seus sentimentos e dúvidas, ouvindo, por outro lado, reconhecidamente suas correções. Regosio porque vêm no novo titular alguém que, por sua indiscutível capacidade, poderá fornecer através da cátedra seu progresso de novas gerações de médicos.

Exemplos sadios encontrarão os acadêmicos de nossa Faculdade no Prof. Luiz Décourt e nada é mais eficaz que bom exemplo; nesses exemplos encontrarão estímulo para prosseguirem na vida que ora encetam: para a luta que lhes apresenta como um ideal. E, cremos, o fato de constituir exemplo para a juventude é um dos maiores prêmios que uma personalidade pode almejar.

A cátedra, temos certeza, proporcionará ao nosso novo mestre ambiente para, além de ministrar conhecimentos médicos, orientar a mocidade sempre para a bondade e para a humildade, fornecendo assim aos moços duas valiosas armas, das mais úteis aliás, para que possam colher os melhores frutos em suas campanhas futuras. Além disso proporcionará oportunidade para que muitos, no futuro, possam, à maneira de Carlos Chagas fazendo referência a Miguel Couto — inconfundível vulto da Medicina pátria, um dos maiores mestres da Medicina interna, o qual devemos apreciar à altura dos mais notáveis professores de Clínica do mundo inteiro — como reconhecimento aos atributos recebidos, dizer do orientados: "Mas, a quem, senhores, faltariam uma só vez, quando delas se valesse, a bondade desse homem e a sabedoria desse médico?"

Pelos seus dotes e qualidades poderá, antes de mais nada, realizar o Prof. Luiz Décourt, meritória obra patriótica, ilustrando jovens que, através a Medicina, encontrarão um meio para colaborar na melhoria do nosso torrão, enfrentando com competência as entidades que degradam os habitantes de vários de nossos rincões empreendendo assim obra de assistência aos patricios sofredores.

Por tudo isso, regosio que hoje manifestamos, temos certeza, amanhã estará transformado em gratidão; gratidão pela possibilidade proporcionada de sempre nos podermos valer das qualidades do novo mestre.

Finalizando, os alunos, sentinelas vigilantes do progresso do bom nome de sua Escola, lado a lado com todos aqueles que assim pretendem pautar sua existência dentro da mesma quem, por meio de um de seus menos expressivos representantes, deixar nesta data, consignado não só o seu regosio, como o seu júbilo pela certeza de que, um novo luminar se juntará à pleiade dos que labutam para manter sempre alto e grandioso o nome de nossa Faculdade de Medicina.

RESULTADOS DA XVI MAC-MED

(Conclusão da 7ª Pág.)

- 1º) Guarnição da Med: Zuppo, Adib, Cafalli, Segre
 2º) Guarnição da Mac: Leif, Rubens, Omar e Demis
 5º) Pareo — Yole a 8 com patrão
 1º) Guarnição da Mac com: Ieif, Rubens, Omar, Chau, Doca, Demis, Sydney, e Shwartz
 2º) Guarnição da Med: Segre, Rosa, Thucidides, Sydney, Tocchio Cafalli, Wladmyr e Zuppo.

Dia 29 — sexta feira — 20 horas

POLO AQUATICO

Venceu a Mac por 3 x 1

- Quadro da Med: Delmo, Bisão, Castiglioni, Paulo Branco, Bueno, Ayrosa, Sérgio Cunha, Urio, Coutinho.

Dia 30 — sábado as 14 horas

ATLETISMO

Venceu a Mac por 222 cantra 204

- 83 metros com barreiras (recorde Gastão Mesquita Neto — 11"6
 1º) José Cleanto Camargo (Mac) com 11"8;
 2º) Waldyr Prudente Toledo (Med) com 13"8; Hartmut Graber (Med) com 14"4

75 metros rasos — (recorde E. Borges da Mac e I. Sienerky (Mac) com 8"4)

- 1º) Sam Elisabethsky (Mac) 8"6;
 2º) Raymundo de Castro (Med) 8"8;
 3º) Cláudio Escobar (Med) 8"8

300 metros rasos — (recorde Eduardo Di Pietro (Med) 35"1)

- 1º) Cláudio Escobar (Med) 38"3;
 2º) Verissimo (Mac) 39"0
 3º) Roberto Boturão (Mac) 39"6

Arremesso do Martelo — recorde Binda Guio, Filho (Med) 53,42

- 1º) Sydney John (Mac) com 47,40
 2º) Benedito Benliak (Mac) 39,39
 3º) Alfonso Aparici (Mac) 31,15

Arremesso do Disco — recorde Noburo Ishida (Mac) 3,60

- 1º) Albrecht Henel (Med) 2,70;
 2º) Kasuo Nakashima (Mac) 2,60
 3º) Nilson Garcia (Mac) 2,60

Rev. 4 x 75 — recorde turma da Mac com 33"1

- 1º) Turma "A" da Med com 34"3 (Rubens, Castro, Escobar e Dante)
 2º) Turma "A" da Mac com 34"3 (Isaac, Papa, Cleanto, Sam)

Arremesso do Disco — recorde Laurenz Pindes da Mac com 39,58

- 1º) Sydney Durval John (Mac) com 34,04;
 2º) Elder Luiz Dalmasco (Mac) com 39,19;
 3º) Papa (Mac) 32,27

Salto em Altura — recorde Jorge de Alme ida Bello (Med) 1,81

- 1º) José Cleanto Camargo (Mac) 1,75
 2º) Paulo Garcia (Mac) 1,70
 3º) Luiz Hildebrando P. Silva (Med) 1,70

295 metros com barreiras — recorde

- 1º) Cleanto (Mac) 40"2;
 2º) Raymundo (Med) 43"9
 3º) Hartmut Graber (Med) 45"0

1000 metros rasos — recorde J. Bowles (Mac) 2'39"3

- 1º) Azany Matthey (Mac) 2'44"3;
 2º) José Frederico Meyer (Mac) com 2'46"5;
 3º) Adib Jotene (Med) 2'47"9

Salto em extinção — recorde Saul Rabinovih (Mac) 6,68

- 1º) Dante Montagnana (Med) 5,84
 2º) Sam Elisabethsky (Mac) 5,83;
 3º) Papa (Mac) 5,61

Arremesso de péso — recorde Plinio de Souza Dias (Med) com 12,25

- 1º) Albrecht Henel (Med) 11,20;
 2º) Elder Dalmasco (Mac) 11,13
 3º) Papa da Mac com 11,12

Salto Triplo — recorde Raymundo de Castro (Med) com 12,97

- 1º) Raymundo de Castro (Med) 12,79;
 2º) Paulo Altenfelder da Med com 12,37;
 3º) Sam Elisabethsky (Mac) 11,53

Arremesse de Dardo — recorde No-

- buro Ishida (Mac) com 52,30
 1º) Sydney John (Mac) com 50,92
 2º) Elder Dalmaso (Mac) com 39,19
 3º) Albrecht Henel (Med) com ... 38,56

Rev. 4 x 300 metros — recorde turma da Med com 2'30"2

- 1º) Turma "A" da Med com 2'36"2 (Raymundo, Olindo, Sérgio e Escobar)
 2º) Turma "A" da Mac com 2'37"0 (Papa, Isaac, Meyer, Cleanto)

Resultado Geral da XVI Mac — Med

MACKENZNE	7
MEDICINA	2

O NOTÍVAGO

Noite limpa.
 Estrelas brilhantes, Lua de prata.
 Noite brumosa. Pó le garoa,
 Noite fria de minha S. Paulo.
 Figura impar vagueia pelas ruas.
 O incompreendido Notívago

Louco? Inadatado?
 Talvez.
 Mas, talvez,
 O mais humano dos mortais.

Vagueia, vagueia,
 Solitário e meditando.
 Martiriza-se à garoa ou à luz da Lua.
 Sonha e sofre o desgraçado Notívago.

Porque erras assim a toa, Notívago?
 Que sério problema carregas na alma?
 Não te compreendem, Notívago,
 Mas que importa, tu te compreendes.

É Ela?
 Porque te deixas sofrer?
 És João Ninguém, Notívago,
 És pobre, Ela quer fortuna.

Perdoa-a, Notívago,
 Perdoa-a, Ela não é culpada.
 É calculista e mercenária, sim,
 Mas perdoa-a, é inocente.

Que culpa tem Ela
 De ter nascido mulher?...

21-VIII-948.

L. C. DO AMARAL

Cheguei ao fim do curso

(Paródia de "Peguei um Ita no norte")

Cheguei ao fim do curso
 Pra médico me formar,
 Adeus colegas, professores,
 Adeus Escola do Araçá.

Vendi meus livros que eu tinha,
 O "Foca" eu dei pra queimar,
 Jamais farei um exame,
 Jamais terei que colar.

Mamãe me deu uns conselhos,
 Pra hora de eu me formar,
 Arrume logo um emprego,
 Que é prá te sustentar.

Penei com a Anatomia,
 Torrando sem descansar,
 Sorindo o Locchi dizia,
 Terei que te reprovar.

Xilor, pai da saparia,
 Quería me estrear,
 Porque eu não aprendia,
 Com ele o sapo matar.

Passei na Patológica,
 "Três" anos de matar,
 Adeus Mignone, Cunha Mota,
 Adeus turma de amargar.

O Vasco na Cirurgia,
 Quería tudo parar,
 A turma da Enfermaria,
 Ficava sem oerar.

Tou há bem tempo aqui,
 Desde o tal vestibular,
 Pra logo inteira seis anos,
 Adeus Escola do Araçá.

J.S.V.
 S. P. — 1950

BISTURIZANDO

Frequencia Livre.

Sempre vimos na frequencia livre às aulas teóricas uma boa medida seletiva dos professores e um legitimo direito dos alunos visto que os conhecimentos livrscos de cada um poderiam ser muito bem avaliados pelos exames escritos. Não queremos discutir até que ponto temos razão, mas o fato é que alguns dos nossos professores sofreram com a nova medida tal abalo que assumiram atitudes bem interessantes.

Primeiramente, num subterfúgio puril, surgiram as tais aulas "teórico-práticas" passando a frequencia livre a ser um verdadeiro "bleffe", pois ainda existem por aqui os que não se convenceram de que aula prática não é aula teórica dada em laboratório, ou numa enfermaria. Coisa entretanto, muito mais grave,, que vem ferir direitos adquiridos por nós a custa de gréves, é o fato de certos professores darem

as suas notas proporcionalmente ao número de presenças — embora solenolentas — as neo-natas aulas teórico-práticas, também denominadas, pelos autores franceses, de "praticamente-teóricas"

Mas, como se tudo isso não chegasse vem ainda aquele respeitado mestre que habilmente "cezareou" do seu cerebro microcosmico, esta coisa terrível: "aula teorica não existe; todas as aulas são praticas, pois as que seriam teoricas são baseadas na pratica dos antigos e portanto também são praticas..." Diante disto tudo somente nos resta repetir: "se não existe aula teorica para que exame escrito?"

AVISO AOS INTERESSADOS

Segundo portaria do Ministério da Educação, estão os alunos proibidos de ficar doentes, no decorrer da 2.a prova parcial. Não haverá para esses 2.a chamada. E, com isso... Mais um "chute" do sr. Ministro.

B K

Serge Koussevitzky e sua grande contribuição à música

Não há nenhum amante da boa música que desconheça hoje em dia essa figura impar de maestro que é Serge Koussevitzky. Sua contribuição para a divulgação da música erudita, sua vontade férrea de levantar cada vez mais alto o nome desta arte, sua luta pela perfeição maxima é de todos conhecida.

Koussevitzky nasceu na Rússia, de pais pobres mas que assim mesmo não descuidaram da educação musical do filho. Assim é que o pequeno Serge começou logo a ensaiar sua vida musical tocando contrabaixo, vejam voçes. Chegou a ser « virtuose » daquele instrumento gigantesco. Mas... passados muitos anos, já maduro e insatisfeito do instrumento, deixou-o e enveredou para a batuta. Quería era ser maestro.

Seu desejo realizou-se e às mil maravilha. Depois de reger célebres orquestras da Rússia, de ter entoado a batuta encenando com conjuntos como a Filarmonica de Londres, de Viena, eis que Koussevitzky vem a suceder Pierre Monteux no comando da Orquestra Filarmonica de Boston. É no seio desta orquestra que vem a adquirir a fama que hoje possui. Em 1924 rege pela primeira vez este conjunto notavel, para so largá-lo em 1949 após quasi 25 anos de vida dedicada à música.

Koussevitzky, hoje com 75 anos de idade, está alquebrado e largou definitivamente o cargo da orquestra que lhe deu fama. Só faz viajar. Assim é que esteve não faz pouco no Brasil onde regeu no Rio de Janeiro. Nossa cidade infelizmente não teve a satisfação de conhecê-lo.

A obra musical de Koussevitzky é vastissima. Criou nos Estados Unidos uma escola única no seu genero, o Berkshire Music Center, em Tanglewood. Ali, perdida entre uma vegetação luxuriante, entre montanhas gigantescas, levanta-se um verdadeiro templo da música donde saíram brevemente maestros de fibra, dignos pupilos do velho Koussevitzky.

O Brasil deve muito a este grande maestro dum modo indireto, na figura do nosso patricio Eleazar de Carvalho. A fama que este jovem maestro brasileiro desfruta atualmente no exterior e com ele toda a música do Brasil deve-se exclusivamente ao trabalho de Koussevitzky. Em 1946 Eleazar de Carvalho emigrou para os Estados Unidos e mesmo possuindo o titulo de « doutor em Música », matriculou-se como aluno do Berkshire Music Center depois de passar porém por um exame de admissão dos mais dificeis. Saiu-se bem, impressionando Koussevitzky que o tomou como assistente e que o deixou reger mesmo a Orquestra Filarmonica de Boston, coisa inédita nos anais da orquestra famosa, sempre tão amarrada a batuta do genial maestro.

Koussevitzky possibilitou portanto a fama de Eleazar de Carvalho. E não só isso. Deu oportunidade a ou-

tros artistas de nossa terra, entre eles Camargo Guarnieri, ao qual também permitiu reger a Sinfonica de Boston, honra que só concede a celebridades da regência.

Serge possuía até bem pouco tempo uma biblioteca musical completa sob todos os pontos de vista, uma das melhores do genero. Agora sabendo terminada sua existência toda ela voltada para a música, doou a biblioteca à Universidade Hebraica de Jerusalem, sob a condição de que todos os manuscritos e partituras fossem cedidos após solicitação a todas as organizações do Estado de Israel. Trata-se como se vê dum ato que dignifica um homem.

Alias o que caracteriza Koussevitzky é a sua extrema bondade e uma ansia incontida em auxiliar quem quer que seja. Assim é que geralmente inclui nos repertorios de seus concertos, peças de compositores ainda desconhecidos do público, fato que dificilmente se passa com outros maestros de nomeada, geralmente pouco afaveis e antipaticos.

Assim é o grande maestro. O que importa para ele é simplesmente a Música, essência de sua vida, qualquer que ela seja, venha donde vier. É comum porisso vê-lo reger num mesmo programa verdadeiros desconhecidos musicais: um Bach ao lado dum Stravinsky, um Mozart emparelhando com um Ravel, um Beethoven discutindo com um armênio Katchaturian.

Se se quizer algum dia reverenciar a grandeza dos homens que com sua batuta mantiveram bem alto o nivel da música, numa era materializada, endurecida, esquecida das coisas belas, Serge Koussevitzky certamente ocupará um lugar de destaque ao lado de figuras tais como Toscanini, Bruno Walter, Weingartner, etc.

28-7-1950.

M. G.

BAILE DOS CALOUROS

O Centro Academico Oswaldo Cruz, conjuntamente com o Centro Academico "Sedes Sapientiae", fará realizar nos salões do Club Homs no dia 22 de Abril às 22 horas, o seu tradicional "Baile dos Calouros".

Convites a venda no CAOC, no C. A. S. S. e no Club Homs, no dia do Baile.

DAMA	Cr\$ 30,00
UNIVERSITARIOS	Cr\$ 40,00
CAVALHEIROS	Cr\$ 50,00
MESA	Cr\$ 70,00

Os colegas que estiverem quites com a Tesouraria do CAOC, terão livre ingresso no Baile.

Essas almas desoladamente estéreis...

As virtudes humanas se contam mais pelos atos que delas possam advir do que pelo simples fato de se ser conciente de sua existência, sem uma exteriorização que as afirme. Poucos são os homens capazes de se conscientizarem do seu real valor, analisando os atributos dos seus atos. Na maioria das vezes é-lhes necessária a participação da apinião alheia sobre si, para que se tornem senhores de uma autoconceituação.

De outra forma, os menos equilibrados necessitam imperiosamente uma espécie de publicidade e propaganda das suas pretensas virtudes, e assim temos essa tragedia rudícula de homens a se exteriorizarem despididamente, apregoando obras que pretendem areoladas das virtudes celestes. O seu espetáculo quasi se iguala aos dos momos de circos de cavaliños. Igualmente dignos de compaixão, antes que de lástima, são aqueles que se abalam num narcisismo que nem é razoável, porque sempre se miram no espelho da sobre-estimação neurótica, tornando-se insuportáveis, eternas pererecas balofas que, engulindo vagalumes, têm a ilusão de trazerem no ventre a incandescência incomparável da luz.

Está na propria natureza humana essa necessidade de consciência da virtude que se pretende, real ou falsa. Os verdadeiros religiosos contornam o problema quasi de uma maneira inconciênte, sem fugir da sua natureza, e como tal são os mais próximos dos requisitos de modestia e nobreza compatíveis com o destino sempre ávido de ascensão do espírito humano; êles têm a consciência da propria virtude através a certeza da onnipresença de Deus, testemunha inexorável dos seus atos e pensamentos.

Dessarte, entre estes em geral se contam os bons e caridosos que, realizando o bem, não se vangloriam. Ainda nesta casta seleta é que se pode observar um outro aspecto da evolução do espírito humano: muitas vezes se percebe nas suas vidas o mais alto grau de integração com a virtude, que em geral é a prática do bem. O rumo do seu raciocínio como que tem predispostos os caminhos a seguir, por mais que existam encruzilhadas; e na exposição de sua opinião sobre um assunto dubio, que diz respeito a estados limites entre o Bem e o Mal — para o observador comum — sempre estão com o primeiro, sem que lhes haja passado pela mente a outra possibilidade, de tal forma lhes parece estranho cogitar dela, pelo menos que seja. São seres de quem a bondade é a própria natureza, na qual vivem, por isso que a reduziram a uma simplicidade inconciênte, que deve ser o atributo necessariamente vital dos seres perfeitos. Esta ordem de seres humanos não tem na vida problemas morais ou humanos de qualquer natureza, porque jamais entram em conflito com os atributos da vida humana, em comparação com a celeste, pois, que, de uma maneira que se poderia dizer inata, são possuidores da escada de Babel monodiomática porque aspiram os que vêm do destino do homem uma participação divina; a vida lhes é tão natural como o último degrau desta escada tão bem equilibrada sob as forças do instinto, ideais de Amor e poética dos sonhos.

Há naturezas desoladamente estéreis, incapazes de um pensamento profícuo que seja, que não têm a capacidade de praticar o ato de virtude mais premente e compulsório que existe, o qual é justamente aquele que compele o individuo comum a se diferenciar da individualidade complexa e superior do artista.

O fenomeno do plágio em arte poética é sempre degradante. As influências verdadeiras não há quem as negue. A educação não seria uma realidade possível si não existisse a influência secular de quem viveu, experimentou e aprendeu. O proprio amor de família não se compreenderia, si não houvesse a capacidade humana de se plasmarem os espiritos aos sentimentos em torno; nem tão pouco a vi-

da social, numa visão mais larga. No entanto, um filho nunca é um pai por mais que lhe plasme as influências e concientemente as queira.

Está na própria natureza humana — o que ainda a faz mais sublime — diferenciar-se numa individualidade singular, por mais que sejam prementes e imutáveis as circunstâncias. Isto pelo menos nos individuos normais.

Si este fato é certo para a educação em todos os seus aspectos, ainda com mais razão o é em relação às obras de arte, na criação da personalidade de um artista, mesmo porque os caminhos da imaginação creadora são incalculáveis. O fenômeno das escolas literárias mostra justamente isso, ou seja, as maneiras as mais diversas de concepção, que puderem ser sucitadas por um padrão único.

Somente os incapazes para a criação artistica plagiam, no sentido parasitário de termo. Os fracos de espírito tentam realizar uma incongruência física e psicológica: assimilar uma personalidade diferente, e consequentemente as suas obras. Faltam com a virtude básica que dá integridade e autonomia ao homem, sem o que não merece ser considerado como tal: diferenciar e reconhecer sua própria individualidade, por mesquinha que seja, de qualquer outra.

Existe, esta espécie de seres, que não tem a virtude de apreciar e serem capazes de encontrar valor nas obras de arte de outrem, vivo ou morto... São usurpadores da existência alheia; não respeitam aos mortos, aos vivos, nem a si proprias. A um soneto celebre de Anthero de Quental ou a um poemeto de Francisco Otaviano associam a mediocridade sacripanta do seu nome.

Naturalmente desejariam que os autores sassem do tumulo e lhes viessem render homenagem reconhecida pela preferência, como os sapos que engolem vagalumes, naturalmente desejariam ser considerados um farol da General Electric ou uma lanterninha indiscreta funcionando no Cine Ypiranga.

São doentes, não os choreis; bastalhes a vossa complacência!

Sydney de Moraes Rêgo

Abandonaram o curso "Oswaldo Cruz"

Esta nota pesa-me confessá-lo constituiu uma acusação a um grupo de colegas pela altitude impengada, talvez, que assumiu em relação ao nosso Centro Acadêmico. Aos "cochichos", á "meia-voz" ás "futricas", prefiro escrever e assinar, para tornar público um fato que o merece e para que ele seja justificado se couber justificativa.

Tornou-se corrente entre os alunos da Faculdade, o caso do Curso Preparatório que o C. A. O. C. mantém. Criado com finalidade de trazer maior número para o Centro Oswaldo Cruz, e de elevar o padrão de ensino dos cursos preparatórios, depositávamos nele grandes esperanças e o seu primeiro ano de funcionamento foi uma prova concreta de que as nossas esperanças não eram vãs. Foi sob todos os pontos de vista um sucesso; em apenas um ano, conseguiu-se impôr no meio estudantil e aí estão os resultados do vestibular para comprovar a sua eficiência. Escolhendo entre os alunos da Faculdade de os que, por concurso, se mostraram mais capacitados para constituir o corpo docente do Curso, ligando a êle o nome do nosso Centro a vitória seria certa. E assim foi. Infelizmente, porém, houve desentendimento entre o Diretor do Curso "Oswaldo Cruz" e o Presidente do C. A. O. C., resultando que um grupo de professores, abandonou o Curso não considerando os problemas do C. A. O. C. que, na realidade, são problemas da coletividade pois ai estão a Liga de Combate á Sífilis, a Liga de Combate a

Tuberculose, a Liga de Combate ao Cancer, o Departamento da Criança, que não têm outra finalidade, senão auxiliar na solução dos nossos problemas médico-sociais. Nesse particular, o C. A. O. C. difere da grande maioria dos centros estudantis, pois presta serviços inegáveis e imediatos á população. Auxiliar a Diretoria do C. A. O. C., não é apenas colaborar com um dos seus diretores. É muito mais do que isso. — É combater a Tuberculose, é combater o Cancer, é combater a Sífilis, é auxiliar as crianças necessitadas, é facilitar a divulgação da cultura médica paulista. Não se lembrou disso esse grupo de colegas que não soube compreender o papel do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz e se limitou, apenas, e questões pessoais que poderiam ser superadas sem prejuizos para o C. A. O. C., através maiores entendimentos em que se deixasse á parte as malquerenças. Como se não bastasse abandonar o Curso "Oswaldo Cruz", organizaram um outro curso preparatório, e reconhecendo o prestígio do Centro "Oswaldo Cruz" e do Curso "Oswaldo Cruz", usam seu nome para propaganda.

Tudo isso é tão lamentável que nos vemos forçados a solicitar desse grupo uma explicação satisfatória, pois é ele integrado, entre outros, por alguns colegas que sempre respeitamos e que sempre foram dignos da nossa consideração.

Alvaro de Magalhães

ENCERRADA A GESTÃO DA "DIRETORIA BRÓLIO"

Durante nossa estada na Presidência do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» vários problemas se nos depararam, de ordem interna e externa da vida acadêmica.

No setor da administração externa a Diretoria de 1950 não envidou esforços para colocar o Centro na posição invejável que desfruta, liderando a União Estadual dos Estudantes, situando-o, do mesmo modo, em ótimas relações com os poderes administrativos do País. Realizou uma Semana de Saúde, com regular repercussão pública, participou dos congressos estadual e nacional dos estudantes, bem como da 4ª Semana de Debates Cien-

tíficos, sempre capitaneando as melhores posições.

No setor da administração interna procuramos amparar os vários Departamentos do C. A. O. C., remodelando as instalações do Curso Preparatório, reformando e procurando manter os preços relativamente baixos do Bar dos estudantes, reformando a Secretaria e Tesouraria do Centro, instalando o melhor gabinete dentário universitário do País, lutando pela organização do Pronto Socorro em molde satisfatório para o qual se encaminha, defendendo os interesses do estudante da Faculdade, debatendo pela reforma do Ensino Médico, etc.

Dois pontos não foram, porém, resolvidos, não por falta de iniciativa, mas por impossibilidade de tempo: a Casa dos Estudantes e o Estádio do C. A. O. C. Sobre o estádio, principalmente, devemos explicações não só a colegas como a professores da Faculdade.

Interessámo-nos pela sua reforma, procurando a colaboração da Secretaria de Obras Públicas do Estado, da Prefeitura Municipal e da Reitoria da Universidade. Não obstante a boa vontade do Prof. Godói Moreira que nos ajudou nesta parte, da Secretaria de Obras Públicas não obtivemos nada de positivo. Por outro lado, as respostas da Prefeitura e da Reitoria foram concordantes: «transformar o estádio do CAOC em estádio universitário, nem que todos os estudantes superiores de São Paulo tomariam parte». Naturalmente, na Diretoria de uma Entidade representativa não se tem sempre a possibilidade de convocar uma Assembléia Geral, para uma resolução, quando as idéias já estão amadurecidas ou quando há precariedade de tempo, reservando-se o dever de convocá-la mais tarde. Ora, quando á possibilidade de transformar o estádio do Centro em estádio universitário, fomos contra, implicitamente, a priori. Recebemos críticas de colegas, de médicos e mesmo de professores da Faculdade, que se interessam pela nossa vida acadêmica. Como não convocamos Assembléia Geral, para ratificar ou não o ato, trazemos o assunto ao conhecimento de todos os interessados, através das colunas de «O Bisturi».

Se a má conduta nos condenar, daremos mão á palmatória, ecabe á nova Diretoria levar adiante o referido lema. É justo, contudo, sejam expostos os motivos de nossa atitude. Foi idéia da Diretoria, que ora deixa seu mandato, transformar o Estádio do C. A. O. C. em Estádio da Faculdade, para alunos, médicos e, possivelmente, para a Escola de Enfermagem. A idéia não está morta e atiramos a primeira pedra. Deixa a Diretoria atual uma verba de cem mil cruzeiros já aprovados na Câmara Federal. Com mais alguns esforços, e mobilizando-se os ex-alunos e amigos da Faculdade que ocupam postos chaves na administração do País, o Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» poderá transformar o Estádio atual num local em que médicos e estudantes poderão encontrar um ambiente de conforto, verdadeiramente agradável.

ROBERTO BRÓLIO

MÉDICOS DE 1950

33ª TURMA

Transcorreram no dia 21 de Dezembro do ano de 1950, as solenidades da Colação de Grau de mais uma turma de médicos da nossa Faculdade.

Foi paraninfo da turma o Prof. Flaminio Fávero. Foram homenageados o Prof. Luciano Gualberto, Magnífico Reitor da Universidade de S. Paulo; o Prof. Jaime Albuquerque Cavalcanti e o Dr. Domingos Goulart de Faria, respectivamente Diretor e secretário da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo.

Constaram ainda da homenagem os seguintes Professores, Docentes e Assistentes: Adherbal Tolosa; Samuel Barnsley Pessoa; Eurico da Silva Bastos; Raul Carlos Briquet; Celestino Bourroul; Alípio Correa Netto; Otávio Rodovalho; Orestes Rosseto; Dácio F. do Amaral; J. Onofre Araujo; Olavo Maranhão Calazans; Névio Pimenta; Flávio Pires de Camargo; P. Bielik; F. X. Pinto Lima.

Ao saudoso Prof. José Oria coube homenagem póstuma, justamente da última turma que recebeu os seus ensinamentos preciosos.

Os novos Médicos são os seguintes:

Abdalla Abduch;
Abrão Anghinah;
Adhemar Mario Fiorillo;
André Ricciardi Cruz;
Antonio Carlos de S. Queiroz Cardoso;
Antonio Pompeu de Souza Brasil;
Aristides de Arruda Camargo Filho;
Augusto José Esquibol;
Bernardo Léo Wajchemberg;
Carlos Chusid;
Carlos Eduardo Negreiros de Paiva;
Célio Fontão Carril;
Celisa Monteiro dos Santos;
Darcy Geraldo De Vita;
Décio Mion;
Dinorah Sinátora;
Edil Pinotti;
Egla Renata Attadia;
Elza de Almeida;
Ermelindo Del Nero Júnior;
Euclides Costa;
Eugenio Dal Molin;
Eurico Nestor Wilhelm;
Fabio Augusto de Souza;
Farid Hauf;
Fernando Austregésilo;

Fernando dos Santos Monteiro;
Flavio Edison de Sylos;
Flávio Ghedini de Carvalho;
Francisco de Paula Neves Filho;
Frederico Antonio Abs Cavalheiro;
Geraldo Maria de Camargo Madeira;
Gladstone Freire;
Helena Wronski;
Isaías Raw;
Iseu do Santo E. Afonso da Costa;
Ivanhoe Espósito;
Jayme Rozenbojn;
Jayme Segal;
João Fava;
José Antonio Levy;
José de Filippi;
José Roberto de Albuquerque Fortes;
José Shnaider;
José Silva Villela;
José Vianna Isern;
Jozef Feher;
Laerte Paladino;
Laplace Pinto Vallada;
Marcelo Teixeira de Carvalho;
Léa Kantor;
Marcos Pimenta Rezende;

Maria Celeste Jansen Ferreira;
Maria Ercilia Quintela;
Matinas Suziki;
Miguel Villa Nova Soeiro;
Nicanor Veridiano Martins;
Nicolau Iazzotti;
Orlando Infante;
Osmir de Mello Strasburg;
Oswaldo Monteiro de Barros;
Paulo de Paula e Silva;
Paulo Sacramento;
Reinaldo Tovo;
Renato Costa Monteiro;
Renato Ricciardi Del Nero;
Rosa Stella Briquet Heider;
Rubens Savastano;
Ruy Büller Souto;
Salvador Cromberg;
Smil Miheli Arenzon;
Tomei Araskaki;
Tucasa Adachi;
Waldemar Augusto Pereira;
Walter Crist Marcos;
Weimar Zanon;
Wilson Valente da Silva;
Wladimir Alfer;
Alberto Gomes Ochôa;
Carlos Gumucio Cárdenas;
José Renan Esquivel.

Reportagens do Conde

Faculdade - Portaria N.º 0,00000000!

Fica Expressamente proibido aos alunos do curso medico adoeecerem no periodo da 2ª prova parcial.

§-3 Em caso de falecimento por T.B.C. ou Ca. as faltas serão abonadas, podendo o candidato prestar exames de 2ª chamada pod corespondência esteja onde estiver.

§-4 Os que falecerem por morte violenta não poderão, requerer seu exame por falta de aviso previo de 48 horas.

Cumpra-se a lei As. Ministro de Educação

Portugal — O cientista Portuguez Bagatelas depois de Acurados estudos ponde provar que o único tratamento eficiente para as sindromes diarrreicas é o uso de Soluções TAM-PÃO.

Rio - Urgente — Um transeunte interpelado por um politico, mostrava-se meio entristecido pela situação do pais.

Politico — Mas no Brasil existe FARTURA.

Transeunte — Não ha dúvida, no Brasil UM ANDA FARTO DO OUTRO.

10º Andar.

Professor — A Versão em obstetria vem a ser o que?

Aluno — A Aversão em obstetria vem a ser uma incompatibilidade entre marido e mulher...

H. C. — Interessante Caso Clínico foi apresentado a turma do atual 5º ano.

A paciente apresentava febre contínua de 38 a 39 graus todos os dias durante 35 anos, nada tendo sido diagnosticado, todos os exames mostraram-se negativos. Todas as provas, rodinhas... Nada mais tendo à se fazer, foi pedido um exame de consciência, e a Prova dos 283 sobre Barreiras, para ver se há possibilidade de se baixar seu tempo, mas este está muito longe do record... Nada mais tendo a se fazer à paciente foi

remetida para uma pastelaria. Como aquecedor. Este é o famoso síndrome de PANFLETOS.

Ambulatório Médico — A senhora mora em casa de Pau-à-pique? Conhece o Barbeiro?

Paciente, fortemente ruborizada — Conheço sim seu doutor; pelo amor de Deus não diga nada a meu marido que ele é muito ciumento.

Notícias do 1º ano
Exclusividade para o conde

Os Alunos do primeiro ano mostraram grande simpatia pelas aulas de Histologia prática (No escuro). O que esta provocando certo « suspense » é quando se acende a luz derrepente.

Aos Dirigentes do curso nossos parabens, no nosso tempo não era assim.

As aulas eram diurnas. Ih...

Jardim da Faculdade - Especial

Tem-se visto ultimamente a grande concorrência dos casaesinhos depois do almoço, ocuparem seus lugares à sombra dos coqueiros no nosso jardim PARADISIACO. Como a concorrência é grande em busca desses românticos lugares, a direção de « Bisturi » fará reservas por meio de talões, tendo o direito cama casal de ocupar um lugar por apenas 2 horas cedendo este maravilhoso recanto ao parsinho seguinte. Todos tem o mesmo direito; estamos numa democracia.

Reserva de lugares na redação deste jornal.

Uma Virgula

Trecho de um discurso na Câmara Estadual.

— Não serão aumentados os subsídios dos deputados...

— Excelencia! Falta uma virgula...

— Não, serão aumentados os subsídios dos deputados...

A moral: (por uma virgula ficase rico...).

Colaboração para «O Bisturi»

ALGUMAS OBSERVAÇÕES DO COLEGA SZMUL

- 1) Não acham, vocês, que o termo COGU-MELO está errado? Deveríamos dizer COGU-FLORIANO.
- 2) Dizem que o Floriano em matéria de cogumelos tem uma grande CULTURA...
- 3) Na Fisiologia aquêle que aquece muito o « sinus » do sapo é um « assa...ssino »?
- 4) Será que o AIDAR vai DAR muitos z...EROS?
- 5) Quando o Briquet vai viajar diz: — Parto à qualquer hora? »
- 6) Uma pessoa depois de um jejum prolongado fica em estado de COMA?
- 7) Na enfermaria do Godoy Moreira tem muito « mão-quebrada »?
- 8) Na Farmacologia quando o aluno « dá um fóra » muito grande o examinador a...REGAL... a os olhos?
- 9) O Liberato Di Dio dá aulas de noite ou só De Dia? »
- 10) Os « calouros » gostam de cantar « O GUARANY »?
- 11) Qualquer objeto do « pobre » é sem graça; mas O...Do...Rico é « bacana »...
- 12) O que é que o SATO faz na vida? Nada?
- 13) Não acham, os colegas, que a direção da JUC deveria ser entregue ao JESUS e à NAZARETH?
- 14) Será que na Parasitologia o Mestre em « pessoa » irá examinar?
- 15) Diz a turma que êle não examina pessoalmente », mas eu acho que o pessoal mente... ».

- 16) Quando o Inácio se encontra com o colega JESUS pode-se dizer que o INACIO DE LOYOLA tem a COMPANHIA DE JESUS?
- 17) O Sistema Nervoso é COM...PLEXO...
- 18) Qual a expressão mais cínica da Anatomia? — CADEIA SIMPÁTICA!
- 19) As pessoas que « passam » pelo Departamento de Anatomia Patológica ficam conhecendo tôdas as « dependências »?
- 20) Dizem que « ERRAR É HUMANO », mas quando se trata de um exame ERRAR É — UM ANO... ».
- 21) Os colegas que quiserem ouvir mais « piadas », dirijam-se à Primeira Clínica Cirúrgica que ouvirão « ALI...PIADAS ».

PERGUNTAS CRETINAS

- Banco de sangue desconta cheque?
- Laminas de Histologia servem para fazer a barba?
- E as de Patologica?
- As laminas de patologica são barbadas?
- Um sujeito che'o de "perolas corneas" é milionario?
- O quarto ventriculo pode ser alugado?
- As "redes linfaticas" são boas para pescaria?
- Os "campos de Forel" são bem gramados?
- É bom sistema estudar o sistema nervose?
- Que tal uma excursão à "catarata" da Oftalmologia?
- Dor de cotovelo é grave?
- Sua noiva é casada?
- Mão quebrada precisa de goteira?
- O "grito de Douglas" é parecido com o grito do Ipiranga?
- A sra. conhece o "barbeiro" ?
- E que tal?

PERGUNTAS CRETINAS

O macumbeiro

Do famoso livro
« Os grandes foras da Medicina »

do Dr. J. BRODERS.

Estamos em 1943, plena primavera...

Percorrendo uma picada no meio do mato, cujas laterais guardavam o as-

Show Medicina

Mais um show mais uma recordação aos que deixam a faculdade, em busca da vida prática.

Este punhado de colegas abnegados, vem tornando mais incisiva esta tradição que é o show da nossa escola.

F não nos enganamos quando dizemos que é o maior Show Universitário do Brasil.

Estão de parabens, pois, os componentes deste teatro, com reais valores no ecran.

Os pupilos, dirigidos por Rui de Paula Dias, fizeram bonito; estavam com a bossa ».

Posso garantir que muitos artistas proficionais ficaram com inveja do nosso teatro.

Um sincero Parabens ao colega Castelfranchi, pois estando enlutado pelo falecimento de um parente, e tendo que representar em várias cenas, sabedor pois que se faltasse iria determinar depreciação do show participou do mesmo, como tivemos oportunidade de ve-lo.

Aos continuadores deste show Zé Viana, Waldemar, Callia, Mario Miranda, Glecio, Rui, Caccese, Piere a todos, indistintamente um efusivo parabens.

RIDENDO CASTIGAT MORES — Tradução Vai antes que eu Vou Depois ».

« O TEMPORA O MORA » — Tradução « Os Exames Chegarão algum dia ».

Com Essas Considerações me despeço com um forte abraço aos ARTISTAS deste SHOW que é « O MAIOR SHOW UNIVERSITARIO do BRASIL ».

Nos somos todos artistas do show. Na medicina nós não temos fé.

Nosso estandarte é uma segunda época por isso mesmo fale quem quiser...

LEÃO DA METRO

pecto severo de um bosque frondoso, percbia-se o chão gasto pela romaria de gente, logo mais via-se uma casa modesta ou melhor, uma choupana, cujo aspecto mais lembrava uma paliçada, galinhas e algumas cabras enfeitavam a paisagem.

Ali morava o « Macumbeiro ». Uma comitiva de policiais chegou depois de longa e difícil caminhada, com mandato de prisão.

— O senhor está preso...

— Mas como!

— V.S. sabe melhor do que nós que a macumba e a charlatanice são contra a constituição e tradição de foros de povo civilizado...

Seu Teixeira mantinha-se silencioso e meio entretrecido diante do tratamento dado pelos policiais e logo mais pediu a palavra.

— Em 1930 terminei meu curso na faculdade X de medicina como qualquer bom cidadão cheio de vontade, veio a festa de formatura, baile e o adeus á escola, desamparado e rudemente lançado na vida pratica, sem um conselho dos pais que já se tinham ido.

No lugar onde vivia era cidade importante, portanto mais um medico seria superfluo. Fiz minha mala e aporrei uma cidade modesta de cujo futuro meu seria duvidoso, montei um consultorio. Soube posteriormente da existencia de tres medicos na região, foram-me apresentados.

Meses e meses, meu consultorio ficou a ver navios.

Ate que certo dia, eis que surge alguem para consulta, fiquei assustado pois já havia perdido o costume, de consultar.

Cobrei a consulta, e... ate logo...

Logo mais vejo aparecer um individuo que foi entrando pelo consultorio a dentro.

— Seu doutor quero minha porcentagem na consulta...

— Como é isso?

— Fui eu quem mandou o rapaz para consulta.

Fiquei sumamente aborrecido, pois não era só esse que queria comição, carregador de mala da estação também tinha direito e tantos outros que é desnecessario citar.

Fiz pé firme nada a ninguém, em compensação o consultorio era um vacuo perfeito.

Até que certo dia ja á mingua, vendi o que tinha, e fiz questão de esquecer o que sabia.

Assim fiz porque tinha chegado a conclusão de que a classe medica da regio fazia-me concorrência ilicita.

Deante de tanta farsa e mesquinharía, embrenhei-me pelo mato a procura de um descanço, afim de me aproximar mais de Deus. Com a ajuda de um caboclo fiz uma choupana ali morei por muito tempo, até que certo dia tratei um acidentado: — Foi o diabo todo mundo soube, mas o titulo de medico não soa bem, preferi ser Dutor em macumba...

Seu delegado isto aqui é uma romaria o dia inteiro, e olhe não cobro nada..., de vez em quando algum presente.

Pois é seu delegado o senhor não pode me prender, AQUI ESTA' O MEU DIPLOMA...

Seu rádio parou? Deixe-o parado ou chame o

JUCA

Agora especialista também em rádio televisão, radioterapia, águas radiotivas, eletro-choque, rádio dermites, radiografias, radioscopias, radio-patrolha e afins.

Histórico da Medicina no Brasil

WIER CAPRI

Nos primórdios de nossa terra, quando estas regiões eram povoadas por selvagens, a catequese fez-se logo presente.

Nestes aureos tempos, já esses patricios, imbuidos pelas ideias de algum índio mais viajado, iniciaram um movimento cuja finalidade era: a de não assistir as aulas teóricas ministradas pelos mestres daquela época. O movimento teve pouca repercussão, porque jogaram água nos agitadores.

Mesmo assim as escolas de macumba tinham frequência livre nas aulas teóricas.

Os mestres que ministravam boas aulas eram concorridos em suas aulas, os outros... tinham uma frequência ridícula.

Apesar da prática do macumbeiro de mais ou menos 70 anos as aulas teóricas eram teóricas e não práticas. Depois o Brasil foi evoluindo, vieram os primeiros portugueses, em barcos de madeira de lei da ilha da Madeira de acordo com a lei.

Nessa época as escolas de macumba entraram em declínio, entrando em fase florida as escolas de samba. Tanto para provar isso há documentos mostrando o valor do Estácio de Sá como fundador e sócio vitalício desta cidade que hoje constitui o « Primun Movens » de tudo o que se faz nesse novo continente.

O tempo correu e alguns discípulos de Hipócrates com ideias do rei Bambo antigo mestre de macumba, fundindo e refundindo tais conceitos criaram a primitiva medicina com sólidos fundamentos.

Esta medicina foi dividida em cadeiras e a cada cadeira um mestre.

Nesta época os que tinham tal honra, esforçavam-se para dar boas aulas, de modo que o problema da frequência não tinha razão de ser, todos assistiam as aulas e aprendiam de fato.

Mais tarde, ou porque o mestre estava suficientemente cansado, ou por falta de atualização de seus conhecimentos, vinham suas aulas a ser deficitárias criando verdadeiro desinteresse pelo assunto.

Nestas condições tais mestres em vista desse desinteresse, movidos pelo condicionalismo a uma conservação do EGO, instituem uma frequência obrigatória em suas aulas. É verdade que as aulas teóricas tem importância, quando bem ministradas...

Outros mestres há que não admitem sugestões estes são da teoria do « Magister dixit » tudo o que foi dito está exatamente certo.

Errar é humano mas incidir no erro é bexxxsteira.

Quando sujeitos a crítica, ficam queimados.

As boas aulas podem ser administradas por velhos ou moços, se a aula for boa não há argumento contra como conduzidos magneticamente ao anfiteatro sem imposições nem deveres.

Assistimos aulas exproptaneamente e não coagidos. Atualmente nesta gloriosa faculdade, apesar da vitória teórica pela qual vingou a frequência livre, lançaram os mestres um novo ardil para não verem suas aulas despovoadas, as Aulas teórico-práticas com frequência obrigatória, e nas chamadas aulas teóricas (uma por semana) existe uma chamada em « família » para controle do mestre para dar seu laudo de aprovação.

Caros mestres as boas aulas eu vou, tu vais, ele vai, nos vamos, vos, eles aprendem.

Nas aulas abacaxis eu durmo, tu cochilas, ele conta piadas, nós nos esforçamos para assistir aulas, vos nos encheis os cadernos, eles dão o pira quando ouver oportunidade.

O lobo perde o pelo mas os costumes nunca!!!

Redondilhas de Amôr

Teresa (minha querida!)
Minha vida, doce amor,
Que dure, por toda vida,
No meu peito o teu calor...

São teus lábios (coisa louca!)
Duas pétalas de jasmim,
A farfalhar em minha boca
Em longos beijos sem fim.

São teus olhos (coisa linda!)
Duas pérolas orientais,
Eu sei que eles serão ainda
O motivo dos meus aís...

São teus cabelos (sedosos!)
Fios lípidos a coçar,
São tão belos quão formosos
Que não os canso de beijar.

São teus braços (oh, delícia!)
Duas víboras em furôr,
Que me abraçam com malícia —
— Doce malícia de amôr...

São teus risos (doces plumas!)
Rios fúlgidos a rolar,
São cascatas em espumas
Na minha vida a cantar.

São tuas frases (ditos belos!)
Mil cânticos de louvôr,
Os quais, ouço tão singelos —
— Tão singelos no lungôr...

São teus carinhos (doçuras)
As náíades no grande mar,
Que entôam, em melífluas juras,
Suaves cantos de ninar.

São tuas juras (oh, querida!)
As súplicas dêste ardôr,
Ouvindo por toda a vida —
— Por toda a vida em fervôr...

São teus lábios (coisa louca!)
Duas pétalas de jasmim,
A farfalhar em minha boca
Em longos beijos sem fim.

São teus olhos (coisa linda!)
Duas pérolas orientais,
Eu sei que eles serão ainda
O motivo dos meus aís...

São Paulo, 31 de maio de 1950.

ENÉAS BRASILIENSE FUSCO

Vida econômica do C.A.O.C.

Sem dúvida, 1950 está sendo um dos anos mais prósperos do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz. Pela tesouraria do Centro passaram nada menos de 205.029,00, constituindo esse movimento motivo de júbilo para a diretoria Brolio. Em época alguma houve movimento semelhante. Devemos salientar que nessa quantia não se acha incluído o movimento do Curso Oswaldo Cruz, pois apenas 15.000,00 entraram desse departamento para o nosso cofre. As nossas fontes graças aos esforços dispendidos por alguns diretores, aumentaram. Assim, além da verba dos calouros, Noite de Maio que este ano, como no ano anterior suplantou a casa dos 20.000,00, conseguimos outras verbas, 25.000,00, no Jockey Club, 26.000,00 na Noite de Convivência Social, e 20.000,00 na Prefeitura.

Entretanto essas fontes não se esgotaram, aguardamos para breve uma verba Federal de 25.000,00 e outra da Reitoria de 15.000,00 além de uma Estadual de 25.000,00.

Não há dúvida que estes dados constituem o reflexo da atividade da atual Diretoria.

Passamos agora de uma maneira geral a descrever as despesas do C.A.O.C..

No nosso gabinete dentário, foram gastos até o momento 28.000,00 e outros 15.000,00 estão para serem pagos em prestações, constituindo esse uma obra que orgulha não apenas os alunos desta Faculdade com a própria Faculdade.

Em relação ao prédio onde funciona a Liga de Combate a Sífilis, temos que dizer que continuamos a cumprir fielmente compromissos da diretoria passada, pagando mensalmente as prestações do mesmo.

Desse modo este ano 20.000,00 foram entregues aos antigos proprietários que foram acrescentados aos 40.000,00 pagos em 1949.

Em relação a sede, todos nos esta-

mos vendo que ela tem sido alvo de todos os cuidados possíveis. A secretaria e tesouraria completamente reformadas, custaram ao Centro 17.000,00. Para alguns alunos isto constituiu um desperdício de dinheiro porém se esquecem eles que é um patrimônio permanente e além disso um motivo de embelezamento de nossa sede. A sala de estar apresenta-se também com feições novas, os estofados foram gastos 4.000,00, o salão de jogos ganhou mais uma mesa de pingue-pongue. Enfim, a manutenção de nossa sede, fica para o Centro na média de 400,00 a 600,00 mensais.

O Curso Oswaldo Cruz, apesar da pequena quantia entregue, tem um patrimônio de mais de 100.000,00 em microscópios, carteiras, pranchas e material de laboratório etc. Futuramente o Curso será uma boa fonte de renda.

Outras verbas foram dispendidas, como por exemplo pagamento do Albino, 11.100,00, Sato 7.000,00, reforma do Estádio, 5.000,00, tipografia 10.000,00, Mac-Med 10.000,00, Bisturi 6.100,00, pintura e serviço de pedreiro e marceneiro 7.000,00, Show 5.000,00.

Não podemos deixar de comunicar que esta diretoria sempre esteve a disposição dos diversos departamentos do C.A.O.C. procurando sempre incentivá-los, e fornecendo verbas na medida do possível para que os mesmos não tivessem as suas atividades prejudicadas.

Terminando este breve relatório que em breves palavras mostra aos colegas as atividades da diretoria Brolio, esperamos que as próximas diretorias continuem esta onda de progresso para maior grandeza do nosso Centro Acadêmico.

N. B. — A Tesouraria do C.A.O.C. está a disposição dos alunos para qualquer esclarecimento.

Aldo Fazzi
1º Tezoureiro

«COM O DEPARTAMENTO DE CULTURA DO CAOC»

A cidade de São Paulo tem sido visitada nestes últimos tempos por uma verdadeira pleiade de « virtuosos » Em um pequeno espaço de tempo tivemos entre nós, nomes famosos da música contemporânea como os de Yehudy Menuhin, Braiowsky, Marian Anderson, Isaac Stern, Rudolph Firkusni e outros.

Isto sobretudo nos enleva e alegra. A nossa cidade decerto é bem considerada nos círculos artísticos mundiais para que seja foco de um número tal de sumidades da música.

A questão porém é esta: Quantos de nossos colegas amantes da boa música assistiram estes concertos? Acredito que uma minoria, não nenhum mesmo. O porque é claro e vem logo à mente. Os preços fantásticos (duzentos e até trezentos cruzeiros) não permitiram a presença de estudantes de nossa Escola a estes espetáculos, transformados assim em verdadeiros pontos de encontro da « high-life » paulistana.

É inconcebível que isto aconteça. Assim como temos direito a meia-entrada nos cinemas, deveríamos também ter certos privilégios noutros lugares públicos como teatros, circos, etc., nos primeiros principalmente. Não devemos esquecer o Departamento de Cultura da Prefeitura que nos tem propiciado um grande número de entradas, fato digno de todo o louvor. O que não compreendemos é esta insistência dos empresários teatrais em não ceder aos nossos reclamos favorecendo-nos com certo número de entradas que seriam sorteadas entre nós.

Compete ao Departamento de Cultura do CAOC que tem por fim zelar por assuntos de tal ordem levar avanço tal projeto. O que não é justo é que colegas nossos, não só de nossa Faculdade, mas de outras escolas te-

nham seus passos tolhidos às portas dos teatros, enquanto uma certa minoria de privilegiados exibicionistas, verdadeiros analfabetos da música, bem refastelados em suas poltronas aplaudam um Menuhin ou uma Marian Anderson só porque « apreciar a música faz parte da etiqueta.

29-7-1950.

M. G.

Departamento de Ensino Médico do CAOC.

Dos vários Departamentos, do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, julgamos ser o Departamento do Ensino Médico, que, pelas suas várias atribuições, merece ser considerado o mais importante.

É ele o Departamento que deve levar a Faculdade, os nossos problemas de var ao conhecimento dos órgãos dirigentes, as nossas reivindicações escolares as nossas críticas às várias cadeiras do curso médico, as nossas propostas de reforma.

Quase que abandonado, tem esse Departamento se ilimitado exclusivamente as atividades dos acadêmicos do sexto ano, no Hospital das Clínicas, assim, o Diretor do Departamento de Ensino Médico, tem se resumido, às escalas de Plantão, às escalas de trabalhos nos vários serviços do Hospital, descurando completamente dos reais objetivos do seu cargo que na realidade estão muito além dessas pequenas tarefas.

Principalmente nesta fase, que atravessamos, em que se propõe as mais variadas reformas do Curso Médico, a criação de uma Escola médica de pós-graduação que implica, a nosso ver, numa reforma completa do atual curso médico, torna-se necessário calcar bem firmes as diretrizes do Departamento de Ensino Médico do CAOC, que deverá acompanhar de perto todos os debates a respeito de Ensino Médico, fazendo desse modo sentir aos nossos Catedráticos, o desejo de colaboração.

A. E. A. M.

ção espontânea que nos anima, no sentido de tudo fazer para o engrandecimento cada vez maior da nossa Escola. Nesse particular queremos prestar aqui uma homenagem ao acadêmico Adhemar Florilo, ex-diretor do Departamento de Ensino Médico que bem soube compreender as finalidades do cargo que ocupou, elaborando trabalhos de reforma do curso médico e procurando levar aos nossos professores a posição do corpo discente da Faculdade de Medicina, diante dos vários problemas que discutiam e que nos diziam respeito.

Esperamos que o atual Diretor do Departamento de Ensino Médico, também compreenda qual a sua função e que não se limite a ser apenas um representante dos sexto-anistas, mas sim um representante de todos os alunos junto à direção da Faculdade.

A. E. A. M.

Canto Antigo

Do acre peito sai-me o desencanto
Harpia da sorte sodoma da memoria
Mais e mais
Sempre crescente efluvio de tristesa
Num brilho fusco um que quasi apa-
[gado]
Encherigo longe a luz do ímpio cami-
[nho]
Num vulto deformado pelo tempo
Vejo o destino um ente pezaroso
Do agreste odor do campo lembro a
[meninice]
Passo na vida cantando o eterno
[canto].

9-2-48

ESPORTES

RENATO SANTOS ABREU

A Associação Atlética Acadêmica "Oswaldo Cruz" e seus problemas

R. S. A.

Como se fossem suficientes os problemas da A.A.A.O.C., tem os seus mentores de voltar suas atenções para aqueles que, sem conhecimento nenhum de causa, resolvem escrever meia duzia de « asneiras » comprometedoras.

No último número de o Bisturi » foi publicado um artigo intitulado « Dissecando » de J. Ve.

Acusa-nos este, de desleixo pela praça de esportes di C.A.O.C., e propõe uma série de reformas, tais como :

- colocar uma placa na entrada do Estádio;
- reforma do « comecinho » da Rua Arthur Azevedo;
- ampliação do Ginásium, com a construção de um reservado feminino e de um bar na sua parte posterior;
- pintura do Ginásium;
- aproveitamento de tijolos espalhados pelo terreno;
- ser poupado o campo de futebol;
- construção de uma arquibancada;
- retoques na piscina.

Ora, sendo o Estádio patrimônio do C.A.O.C. e não da A.A.A.O.C., entidades completamente separadas (decreto lei n.º 3617 de 15 de setembro de 1941 dos Estatutos da CBDU), cabe culpa do estado precário do mesmo, não a segunda, e sim a primeira. Creio que esta explicação seria suficiente, porém preferimos comentar os absurdos contidos nas alíneas supra indicadas.

Quanto ao primeiro item, temos a dizer que uma placa custa dinheiro, e, as Diretorias antecessoras nos legaram apenas dívidas e má reputação.

As casas de ambos os lados da Rua Arthur Azevedo estão em desnível, e, seus moradores e em constantes discussões. Por isso, a Prefeitura não a pavimentou ainda.

As reformas de piscina, campo de futebol, Ginásium, Ruas, etc., já constituíram e constituem motivo para muitas preocupações. Estivemos várias vezes na Prefeitura procurando, por todos os meios, realizar nossos planos. Entretanto, requerimentos e mais requerimentos foram « engavetados » pelo Sr. Prefeito.

Como poderíamos, por nossa conta, re formar o Estádio, se só a impermeabilização e aladrilhamento da piscina orça em seissentos mil cruzeiros?

Positivamente, caro colega J. Ve., você é de uma infantilidade nunca vista.

Quem sabe se, com a mesma facilidade que soube criticar, não seria capaz de « picaretear » com Sua Excia. o Prefeito, ou Sua Excia. o Governador, ou ainda, Sua Excia. o Presidente da Republica, uma reformazinha?

I PAULI - MED

DOS CALOUROS DE 1949

- Ping-Pong - E.P.M. 150 - C-49 146.
- Snooker - E.P.M. 0 - C-49 3.
- Xadrês - E.P.M. 4 - C-49 1.
- Atletismo - E.P.M. 166 - C-49 104.
- 100 mts. Sergio 13,3 - E.P.M. — Dirceu 13,7 - E.P.M. — Edgar vis 13,9 - C-49. — Nogueira 14,4 - C-49.
- 300 mts. - Frazatto 39,5 - E.P.M. —

Steinman 43,9 C-49. — Jordon 44,1 E.P.M. — J. Ramos 45,9 C-49.

Dardo - Paulo 36,51 C-49. — Clovis 26,40 - E.P.M. — Tochio 26,20 - C-49. — Adolfo 26,11 - E.P.M. Altura - Paulo 1,60 C-49. — Natham 1,60 - E.P.M. — Ramos 1,50 - E.P.M. — Onildo 1,45 - C-49. Extensão - Dirceu 5,60 E.P.M. — Sergio 5,50 E.P.M. — Nogueira 5,21 - C-49. — Edgar 4,51 C-49. Disco - Clovis 28,60 - E.P.M. — Cristian 26,45 - E.P.M. — Onildo 25,50 C-49. — Tochio 24,50 C-49.

4.100 Pauli 49,8 E.P.M. — Med 51,0 C-49.

4.300 - Pauli E.P.M. — Med C-49.

800 mts. Frazatto 2,21,1/10 - E.P.M. — Decio 2,28,2/10 - C-49. — Filipe 2,33,5/10 - E.P.M. — Steinmon - C-49. — Lorival E. P. M. — Fuller - C-49. Triplo Nathan 10,98 - E.P.M. — Dirceu 10,51 - E.P.M. — Nogueira 10,45 - C-49. — Tochio 9,50 C-49.

Peso Cristian 11,58 E.P.M. — Paulo 11,20 - C-49. — Clovis 9,10 - E.P.M. — Tochio 8,53 - C-49.

5. Volley - C-49, 2 E.P.M., 0 (15 a 2 e 15 a 11).

6. Futebol - E.P.M., 3 - C-49, 0.

7. Basket - C-49, 24 - E.P.M., 21.

Resultado final: E.P.M., 4 - C-49., 3.

AC-MED

O horário da competição é o seguinte

- 14/4 (sábado) — 14 horas — Atletismo (C. A. Paulistano)
 15/4 (domingo) — 9 horas — Natação e Jiu-jitsu (C. A. O. C.)
 17/4 (terça) — 20 horas — Voleibol (C. A. O. C.)
 18/4 (quarta) — 20 horas — Polo aquático (A. L. Floresta)
 19/4 (quinta) — 20 horas — Xadrez (C. X. São Paulo)
 20/4 (sexta) — 20 horas — Bola ao cesto (C. A. O. C.)
 21/4 (sábado) — 14 horas — Remo (A. D. Floresta)
 22/4 (domingo) — 9 horas — Futebol (C. A. O. C.)

Relatório de Tesouraria da A. A. A. O. C.

Haver	30.744,00
Balanco de saldo	7,50
Outubro — 31	
Deve	21.249,50
Haver	9.187,00
Balanco de saldo	12.062,50
Novembro — 30	
Deve	13.012,50
Haver	2.320,00
Balanco de saldo	10.692,50
Dezembro — 31	
Deve	12.292,50
Haver	4.670,00
Balanco de saldo	7.622,50
— Janeiro — 31	
Deve	9.022,50
Haver	7.64,00
Balanco de saldo	8.258,50

Resultados da XVI Mac - Med

Setembro de 1950

Dia 23 — Sabado — 15 horas

NATAÇÃO

1ª Prova — 100 metros nado livre (recorde Luiz Murity Fernandez — Mac — com 1'05"3
 1º Mário Sessler — Mac — 1'05"3
 2º Fernando Crescuma — Mac — 1'10"4
 3º Arthur Ortemblad — Mac — 1'21"9

2ª Prova — 200 metros nado de peito (recorde Horácio M. Ribeiro da Mac com 3'07"3
 1º Henry Sansson — Mac — 3'17"2
 2º Urio Mariani — Med — 3'22"3
 3º Dorival Ortmblad — Mac — 3'39"8

3ª Prova — 100 metros nado de costa (recorde Luiz Murity Fernandez da Mac com 1'21"3)
 1º Mário Sessler da Mac com 1'23"8
 2º Gilberto Machado de Almeida da Med com 1'24"9
 3º Jacinto Toledo da Med com 1'25"

4ª Prova — 50 metros nado de peito (recorde Paulo David Branco com 35"1 da Med)
 1º Paulo David Branco — Med — 34"7 (novo recorde)
 2º Alfonso Zapparoli da Mac com 35"2

3º Fábio Freire da Med com 36"3
 5ª Prova — 50 metros nado de costa (recorde Luiz M. Fernandez da Mac com 35"2)
 1º Jacinto Toledo da Med com 37"1

2º Mário Sessler da Mac com 37"2
 3º Gilberto Machado de Almeida da Med com 39"9
 6ª Prova — Rev. 4X50 nado livre (recorde Turma da Mac — 2'01"6)

1ª Turma "A" da Mac com 1'59" (novo recorde)

(Sasson, Crescuma, Zapparoli, A.Ortemblad)

2ª Turma "B" da Mac com 2'04"8 (Knoll, Manscado, D.Ortemblad, Sessler)

7ª Prova — 400 metros nado livre (recorde Otávio Gerneck da Med com 5'46"5)

1º Arthur Ortemblad da Mac com 5'53"

2º Sérgio Cunha da Med com 6'30"3

3º Fernando Crescuma da Mac com 6'35"5

8ª Prova — Rev. 3X50 metros em tres estilos (recorde turma Mac com 1'41")

1ª Turma "A" da Mac com 1'42" (Sessler, Zapparoli, A.Ortemblad)

2ª Turma "A" da Med com 1'43"2 (Jacinto, Branco e Casela)

Resultado Geral: Mac 191 x Med 127

Dia 25 — segunda feira — 20 horas

VOLEIBOL

Venceu a Medicina por 3x1 (15x10, 10x15, 15x8, 15x12)

Quadro da Med: Dante (Luizinho), Paulo, Walyr, Cristovão, Gilberto (Rubens), e José Osmar Meireles
 Quadro da Mac: Aurélio, Moneta, Coube, Xerxes, Artioli, (Elder e Cleanto) Ciro (Virano e Serra Negra)

Dia 26 — terça feira — 20 horas

BOLA AO CESTO

Venceu a Mac por 36x11

Quadro da Mac: Indio, Noir, Chico, Maninho e Gerson

Quadro da Med: Dante, Abreu, Aurélio, Luizinho, Jonas, Viesti, Meireles, Waldyr, Paulo, Ernesto, Do-

mingues, Aloisio

Dia 27 — quarta feira — 14 horas

FUTEBOL

Venceu a Mac por 2x1

Quadro da Mac: Indio, Tolosa, Satiro, Lenhoso, Hélio e Fraia; Mário, Guerino, Jair, Plínio, e Foshel

Dia 27 — quarta feira — 20 horas

XADRES

Venceu a Mac por 3 ½ x 1 ½

- tabuleiro — Hélio Proença (Mac) 1 x Cassio Penteado (Med) 0
- Gerson Campos Kerr (Mac) 1 x José Schneider (Med) 0
- Ismael Ribeiro Filho (Mac) ½ x Frederico (Med) ½
- André Riccio (Mac) ½ x João Fava (Med) ½
- Haroldo Alvarenga (Mac) ½ x Pedro Kassab (Med) ½

Dia 28 — quinta feira — 15 horas

TENIS

Venceu a Mac por 4 x 1

Quadro da Med: Piero, Coutinho, Romeu, Celso, Henel

Dia 29 — sexta feira — 15 horas

REMO

Venceu a Med por 3 x 2

- Pareo — Yole a 4 com patrão
 1º Guarnição da Mac: Rubens, Omar, Demis, Leif
 2º Guarnição da Med: Iacovone, Thucidides, José e Ségreo
- Pareo — Out Riggers a 2 (trincado)
 1º Guarnição da Med: Adib e Zuppo
 2º Guarnição da Mac: Nilson e Emanuel
- Pareo — Canoe
 1º Adib Jatene (Med)
 2º Reynaldo de Paula Jr. (Mac)
- Pareo — Out Rigger a 4 com patrão

(Concluí na 2ª Pág.)

O PROBLEMA DO PRONTO-SOCORRO

A fim de esclarecer os alunos desta Faculdade, sobre o problema do Pronto-Socorro, formulamos os quesitos abaixo que foram respondidos pelo Prof. Alípio Corrêa Neto, Catedrático de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina e da Escola Paulista de Medicina; pelo Prof. A. B. de Ulhôa Cintra, Catedrático de Clínica Médica da Faculdade de Medicina; pelo

Dr. Carmino Caricchio ex-médico interno no Hospital das Clínicas

I

Acha V. S. que o serviço de Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas é, atualmente, suficiente para atender as necessidades da população de São Paulo?

PROF. ALÍPIO CORRÊA NETO:

Acredito que não. Atualmente, confrontando o número de casos de pronto-socorro de São Paulo, com o de outras capitais verifica-se que grande parte de doentes não procura este hospital, vão ser atendidos em outros hospitais públicos e particulares. Daí a razão da pluralidade de hospitais privados que se dedicam a esta forma de assistência. Se se instalar, como é justo, postos de seleção avolumar-se-á o número dos doentes de modo tal que o Hospital das Clínicas será submerso numa onda de casos exigindo socorro urgente.

Nessas condições as enfermarias de cirurgia geral, por exemplo transformar-se-ão em esquadros de operados no posto de pronto-socorro e o trabalho do seu custoso aparelho de assistência cifrar-se-á em tratamento pós operatório e curativos. Este fato trará certamente, grande prejuízo ao ensino.

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. O Hospital das Clínicas deve ter um amplo serviço de pronto-socorro, mas não a totalidade dos casos de São Paulo.

PROF. ANTONIO B. ULHÔA CINTRA

O serviço de Pronto Socorro do Hospital das Clínicas vem atendendo, a meu ver, satisfatoriamente, aos casos que lhe tem sido enviados para assistência de urgência. Se, entretanto, terá capacidade de prestar o mesmo socorro depois de se criarem postos regionais de assistência imediata e de dispor de serviço de transporte adequado para todas as solicitações que esses postos passam a receber, é o que somente a experiência poderá indicar. Não conheço dados prever estatísticos suficientes que permitam prever com segurança o que sucederá nas circunstâncias referidas.

DR. CARMINO CARICCHIO

Quando a esta pergunta, a resposta é «não». São necessários, porém, alguns esclarecimentos. Atualmente, os socorros de urgência na Capital de São Paulo, são prestados por particulares (médicos ou serviços particulares), por instituições de previdência e, na sua maior parte, sobretudo quanto à população pobre, pelo Hospital das Clínicas através da sua Secção de Emergência e pela Secretaria de Segurança do Estado através do Posto de Assistência Policial do Pátio do Colégio. Interessam-nos este último binômio — H. C. e Posto Policial, que atende grande parte da população e mesmo porque não nos sentimos autorizados a analisar a tão propalada deficiência dos demais serviços embora possamos prevê-la em grande parte. Quanto ao Posto da Assistência Policial e ao to bem como as suas ambulâncias acham H. C., critica-se o seguinte; aquêles Posses em condições materiais precárias, fazendo com que os socorros cheguem atrasados e a assistência aos doentes transportados ao Posto seja praticamente nula. E o H. C. embora exiba um alto padrão de assistência médico-cirúrgica de urgência, (apesar de pequenas falhas facilmente sanáveis), luta com a falta de espaço.

Considerando que esta «enquête» é para esclarecer os alunos sobre a situação, podemos adiantar que os órgãos competentes da Prefeitura já estudaram não só a descentralização de Postos em várias zonas do município da Capital, permitindo assim um socorro mais rápido, como também ultimam a aquisição de novas ambulâncias melhor equipadas o que garantirá, desde o início, um socorro mais garantido e eficiente. Quanto ao H. C., com a transferência da Clínica Ortopédica para o novo Hospital, passará o P. S. do 4º andar a ter uma capacidade de cerca de 120 leitos (sem necessitar colocar leitos no corredor, diga-se de passagem...) que com os 150 leitos para traumatizados reservados no novo Hospital e os 40 leitos de queimados no 10º andar, faz um total de 310 leitos para a Secção de P. S., sem contar com a contribuição das enfermarias gerais do Hospital.

Vê-se por aí que a «suficiência» inquirida nesta primeira pergunta, se não

existe no momento, será atingida, certamente, dentro de breve espaço de tempo.

II

Qual a opinião de V. S. sobre a criação de Hospitais regionais de Pronto-Socorro?

PROF. ALÍPIO CORRÊA NETO

Não é possível a criação de Hospitais ve criar são hospitais gerais com secção somente de pronto-socorro, o que se de pronto-socorro e seria uma heresia dizer-se que não há necessidade de hospitais gerais na nossa capital. O número mínimo de leitos em hospitais deste gênero seria de 8.000, conforme com a população de dois milhões. Não temos nem três mil leitos; há déficit, portanto, de mais de cinco mil leitos. Qualquer opinião contrária, ou que embarasse, de qualquer forma, a criação destes leitos é inconsciente e mesmo criminosa. A instalação de Hospitais — gerais é imprescindível e urgente. Nesses hospitais deverá ser mantido serviços de socorro de urgência, para que eles tenham plena eficiência.

PROF. ANTONIO B. ULHÔA CINTRA

Acho que S. Paulo precisa de maior número de hospitais gerais, mas sou contrário à criação de hospitais regionais apenas de Pronto Socorro. Sou favorável, antes, à criação imediata de Postos Regionais de assistência imediata, aparelhados com meios de transportes adequados para transferir os doentes a hospital geral.

DR. CARMINO CARICCHIO

Antes de responder a esta pergunta é preciso que se diga o que pensamos ser um Hospital de Pronto Socorro ou uma Secção de Pronto Socorro.

Seria um Serviço em que após a admissão do paciente, poder-se-ia, a qualquer hora do dia ou da noite, e isto em todos os dias e em todas as noites, examinar com todos os recursos (clínicos, de laboratório, de raio-X, etc...) e tratar com todos os recursos terapêuticos (medicamentos de toda espécie, hidratação, operação de qualquer tipo, etc...); além disso, seria preciso contar com serviços auxiliares eficientes (anestesia, transfusão, e serviços médicos especializados (endoscopia peroral, oto-rino-laringologia, oftalmologia, etc...)) e, isto tudo além dos serviços fundamentais, médicos ou não, de um hospital geral qualquer.

Conclui-se desse esclarecimento que o lógico seria ter-se um Hospital Geral e nele fazer-se funcionar uma Secção de P. S. Isto é, teoricamente exato e é o que se fez no H. C.; uma Secção de Emergência utilizando os recursos e as instalações de um Hospital Geral e dando a êste as equipes de plantão funcionando nas 24 horas do dia.

De modo que, de acordo com essas concepções, teoricamente, somos contrários à criação de Hospitais Regionais exclusivamente de Pronto Socorro. E dizemos «teoricamente» porque todo e qualquer Hospital Geral, digno de assim ser chamado deveria estar apto a atender qualquer emergência. Na prática, porém, é triste a realidade da quase totalidade dos nossos Hospitais Gerais, públicos ou não. Geralmente os nossos hospitais são insuficientes quanto às suas instalações e, quando as possuem razoáveis, não dispõem de pessoal eficiente nas 24 horas. Isto permitiu que proliferasse nossa Capital, inúmeros «Serviços de Pronto Socorro Particulares» que, se dispõem de ambulâncias e pessoal de plantão, carecem todavia dos recursos médicos modernos e especializados de um bom Hospital Geral para bem tratar todo e qualquer paciente que necessite de um socorro de urgência.

III

Onde deveriam ser localizados esses Hospitais-regionais?

PROF. ALÍPIO CORRÊA NETO

Considerando a criação de hospitais gerais a sua localização seria nos setores mais populosos onde não haja hospitais oficiais ou públicos de entidades particulares com o mesmo objetivo. Todos sabemos que maior densidade da população está na Mooca, Belém, Braz, Taquape, etc., onde não há hospitais. Aí seria a localização de um deles. Assim por diante.

PROF. ANTONIO B. ULHÔA CINTRA
Prejudicado.

DR. CARMINO CARICCHIO

Quando a esta pergunta, a sua resposta está prejudicada pelos conceitos emitidos na pergunta anterior. Porém, na eventualidade da instalação de bons Hospitais Regionais Gerais, públicos, com ou sem Secção de Emergência, deveriam ser eles localizados em zonas que deles necessitassem não só por sua densidade demográfica como pela grande pobreza de sua gente.

IV

Qual a opinião de V. S. sobre a centralização do serviço de Pronto-Socorro?

PROF. ALÍPIO CORRÊA NETO

A cidade de São Paulo deve ser dividida em sectores; em cada um deles será instalado um hospital geral com dispositivos e pessoal para atender no local os casos de urgência.

No sector em que se localiza o Hospital das Clínicas, serviço de pronto-socorro ser-lhe-á atribuído de maneira definitiva e as despesas serão custeadas pela Prefeitura Municipal. Destarte o nosso hospital terá amplo serviço, mas não exagerado.

Além disso o Hospital das Clínicas tem o dever de atender os casos de urgência vindos do interior, pois esta atribuição lhe é mais própria como instituição estadual que é.

O Serviço de Pronto-Socorro, portanto para ser eficiente tem que ser descentralizado; feito em vários hospitais para isso preparados. Aliás o melhor meio de fazer-se eficientemente esta forma de assistência é aumentar os leitos em hospitais-gerais.

A centralização do Pronto-Socorro, em um só ponto da cidade é um anacronismo e não corresponde ao interesse público.

PROF. ANTONIO B. ULHÔA CINTRA

Todo hospital geral deve estar aparelhado para prestar todos os socorros de urgência. A medida que aumentar o número de hospitais-gerais, e que todas as zonas da cidade vão tendo seu hospital geral, automaticamente vai se resolvendo o problema do Pronto-Socorro. Na fase em que nos encontramos, de carência de hospitais gerais, particularmente em zonas pobres e densamente povoadas do Município, acho que o serviço hospitalar de Pronto-Socorro não pode ser, materialmente, descentralizado, no verdadeiro sentido. Se só o Hospital das Clínicas pode centralizar todo o serviço ou se os serviços dos hospitais vizinhos vão ser também necessários (mas isso não é, na verdade, descentralização), veremos em breve quando o Município estará dotado de meios de receber solicitações e efetuar o transporte de todos os pacientes que o necessitarem.

DR. CARMINO CARICCHIO

Teoricamente, somos contrários à centralização dos Serviços de Pronto Socorro de uma cidade grande, como São Paulo, por exemplo. A descentralização, no momento, dos serviços na Capital, encontra, porém, obstáculos intrinsecos. Sim, porque uma descentralização subentende a instalação de serviços do mesmo padrão, ou melhor que o exibido pelo H. C., e em zonas que demonstrem essa necessidade, quer pela distância do do nosso Hospital, quer pelas dificuldades de trânsito, quer pela frequência com que ocorrem aí os acidentes ou os males súbitos. Considerando que cerca de 80% dos casos socorridos pelos serviços públicos provêm da zona da cidade que fica ao norte da linha férrea da Santos-Jundiaí, em bairros aí situados, já que ficam bem distantes do H. C., é que deveriam ser instalados serviços de P. S. da Municipalidade; é para aí que deveria ser descentralizado o atual serviço público de P. S., centralizado no H. C. Essa zona, porém, não dispõem de Hospitais Gerais nos quais se pudesse instalar uma Secção de Emergência tipo H. C. ou melhor. Por esse motivo, iniciando a descentralização prevêem os planos da Prefeitura de São Paulo, a construção de um Hospital da Zona Norte com Secção de Pronto Socorro.

Hospitais insuficientemente aparelhados impedem que esta descentralização seja feita de uma vez, tendo o H. C., por isso de continuar ainda por algum

tempo a fazer todo o serviço sózinho, como aliás já vem fazendo há 7 anos o que lhe valeu adquirir uma sólida experiência que não precisa e não deve ser repetida. Hospitais melhor aparelhados existem, porém são vizinhos do H. C., localizados na zona rica e que não dá nem 20% dos casos, e com eles poder-se-ia fazer uma custosa divisão, mas nunca uma «descentralização».

No momento, pretende a Prefeitura, através os seus órgãos competente: a) descentralizar as ambulâncias em vários Postos de Emergência espalhados pelo Município o que permitirá uma rápida assistência domiciliar e de rua; b) manter a atividade hospitalar centralizada no H. C. enquanto não dispuser de hospitais do mesmo ou de melhor padrão que o H. C. nas zonas necessitadas de serviços próprios em vista dos vários fatores já assinalados; c) manter centralizada a orientação científica que a Faculdade de Medicina vem dando aos atuais serviços de emergência do H. C.

V

Qual deve ser a posição dos estudantes de medicina nos serviços oficiais de Pronto-Socorro?

PROF. ALÍPIO CORRÊA NETO

A utilização dos estudantes do Hospital das Clínicas pertence a dispositivos regulamentares da Faculdade. A atuação dos estudantes é de grande valor educacional e também contribui para a eficiência do serviço. Na lei que criou o Serviço de Pronto-Socorro municipal, porque este serviço só poderá ser criado depois de autorizado em lei votada pela Câmara Municipal, deve haver dispositivo que permita deles fazer parte os estudantes. Há de haver cuidado, para isso chamo a atenção do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, de que o estudante perde automaticamente o seu lugar quando diplomado, afim de abrir vaga ao seu sucessor. A tendência é permanecer no posto, mesmo depois de formados. A regulamentação neste particular deve ser clara.

PROF. ANTONIO B. ULHÔA CINTRA

Os estudantes de medicina podem e devem se aproveitar dos serviços de Pronto-Socorro para seu aprendizado, principalmente os da última série do curso médico. Ao mesmo tempo, sem dúvida, prestariam eles auxílio relevante aos encarregados de ministrar os socorros de urgência.

DR. CARMINO CARICCHIO

Quando a última pergunta, dada a sua importância mais direta e a atenção com que em anos anteriores tivemos oportunidade de lhe dedicar, esperamos esmiuçá-la, oportunamente, em artigo separado. Porém, isto não nos impede de dar em linhas gerais o que pensamos a respeito. O estudante, ou melhor, o doutorando em medicina tem por função aprender e trabalhar nos Serviços de Pronto Socorro. Aprenderá com os médicos, no domicílio do doente ou na rua, o que até agora não tem sido possível para os alunos da Faculdade; aprenderá com os médicos nas salas de exame dos doentes ou nas salas cirúrgicas e, também na discussão dos casos; trabalhará, auxiliando os médicos no exame dos doentes, nos serviços de anestesia ou transfusão e nas intervenções cirúrgicas.

DESPEDIDA

*Eu me despeço, minha Faculdade,
Oh! venerável templo da ciência,
De cujos umbrais parte a mocidade,
Para missão tão nobre da existência.*

*Eu me despeço — quanta realidade!
E a bagagem que levo, em sua essência,
Tem mais peso a responsabilidade,
Do que de longos anos a experiência.*

*Uma corrida de revezamento,
Em luta contra a morte, é nossa vida;
Colegas, chegou a hora da partida,*

*Levando na consciência um juramento,
Empunhando com altivez na mão,
O diploma, simbólico bastão!*

JOSE S. VILLELA